

Observadores estão surpresos com rumo tomado pelo Brasil

por Tom Camargo
de Londres

O Brasil está de volta àquilo que se poderia chamar de a "crônica policial" do jornalismo financeiro, algo que se definiria como todo centímetro de coluna que é ocupado por falências, operações duvidosas, devedores assumidos e potenciais, negociantes de informação privilegiada e, acima de tudo, moratórias.

"Ninguém estava esperando o que está acontecendo: tudo se está desdobrando com muita rapidez", disse um expert em Brasil, o economista Robin Chapman, que acompanha o Brasil para o Departamento Econômico do Lloyds Bank. Chapman viajou para o Brasil várias vezes nos últimos quatro anos, fazendo parte dos grupos de "observadores econômicos" enviados pelos credores particulares do País.

"Os desequilíbrios da economia doméstica contaminaram o setor externo", ele observa, sublinhando que "as vantagens que o Brasil tinha recolhido nessa área (a externa) foram perdidas com muita rapidez."

Se nos últimos meses, ainda antes da implantação do Plano Cruzado e também depois dele, banqueiros, jornalistas especializados e outros observadores apresentavam o Brasil como exemplo de correção cirúrgica dos desequilíbrios de suas contas externas, evocando-se sempre o fato de o País estar registrando o terceiro maior superávit comercial entre as economias ocidentais (depois do Japão e da Alemanha), agora volta-se ao ceticismo das piores passagens de 1982-84.

"O Brasil é realmente ciclotímico", disse um banqueiro inglês que trabalhou no Brasil quando o professor Mário Henrique Simonsen era ministro da Fazenda e cunhou a imagem. "Em menos de seis meses passa-se da euforia para a desolação, o que não é muito bom para quem está avaliando seus riscos."

"Como as últimas estatísticas mostram, o Brasil tornou-se um cavalo in-

certo para se apostar", comenta o jornal Financial Times, ampliando comentários que apareceram na semana que se encerrou em órgãos variados como o francês Le Monde, o alemão Frankfurter Allgemeine Zeitung e o italiano Il Sole.

"Espero apenas que as medidas anunciadas até agora para corrigir o Plano Cruzado sejam partes de uma série de outras que ainda serão anunciadas, disse um economista do American Express Bank. Para ele, faz-se necessária uma recomposição do equilíbrio entre o setor externo e o interno, através de medidas simultâneas que arrefeçam pressões inflacionárias ("como entender um endurecimento fiscal que não trata da taxa-ção direta?" perguntou ele), desviem para o mercado externo o maior número possível de itens exportáveis e, principalmente, fortaleçam o fluxo de investimentos de médio e longo prazo no País.

"Não vejo por que se falar em moratória", disse o professor J. Evans, da Universidade de Londres, especialista em América Latina. "O que se verá agora é apenas a reedição de toda a complexa e demorada negociação com os credores privados que aconteceu nos últimos anos." Ele está convencido de que, ainda no primeiro semestre de 1987, o Brasil precisará de dinheiro novo e que ele terá de ser desembolsado principalmente pelos bancos comerciais.

"Manifestações populares, ainda que violentas, terão de ser entendidas no contexto de problemas específicos, como a possibilidade de demissões no setor público", disse Evans. "Não é possível imaginar que haja generalizado desejo de ações violentas por parte de quem, como aconteceu depois do Plano Cruzado, teve sua renda real recomposta de forma acentuada. Daqui a alguns meses, se uma nova recessão se tiver instalado, talvez estejam presentes os elementos para motins e outras manifestações."